

ARCHIVO LITTERARIO

ARCHIVO LITTERARIO

JORNAL FAMILIAR, VARIADO, CRITICO E RECREATIVO.



ASSIGNATURAS: CORRE.

ANNO 1863
SEMESTRE 48000
TRIMESTRE 28500

PROPRIETARIO

ANTONIO JOSE CARNEIRO GUIMARAES
REDATOR: JOSÉ S. SKM. S. B. R.

ASSIGNATURAS: PROVINCIAS.

ANNO 90000
SEMESTRE 58000
TRIMESTRE 38000

As assignaturas são pagas adiantadas. Avulso 200 rs.

Publica-se todos os domingos. Recebem-se assignaturas nesta typographia — Rua Nova do Ouviaor n.º 9 — e no escriptorio da Redacção, rua da Lampadaria n.º 52. Recebe todo e qualquer artigo litterario para ser publicado, uma vez aprovado pela redacção. Preço. 50.

ARCHIVO LITTERARIO

Duarte Ribeiro de Macedo.

Nasceu o ilustre português Duarte Ribeiro de Macedo na villa do Cadaval no anno de 1618. era filho de Fernando Duarte, e de D. Maria de Abreu. A natureza benfica o ornou de agudo engenho, e de claro entendimento para os estudos maiores, recebendo o grau de mestre em

philosophia na universidade de Evora, e o de bacharel em direito na universidade de Coimbra. Serviu com exemplar recíldio e afabilidade os lugares de juiz de fóra da cidade de Elvas, e de corregedor da Torre de Moncorvo, passando depois a desembargador da relação do Porto, e em 1668 a desembargador dos agravos da relação de Lisboa.

O seu profundo talento, cultivado com as lições da historia sagrada e profana, e nas maximas dos mais célebres publicistas

o habilitou para ser secretario da embaiizada que a sua magestade christianissima Luiz 14.º mandou D. Afonso 6.º, pelo primeiro conde de Soure, D. João da Costa. Restituído a Lisboa no anno de 1660, foi Duarte Ribeiro nomeado enviado ordinario junto à corte de França; e no 1º de março de 1663 ali foi recebido com mostras de grande alvoroço, pelas saudosas recordações que se conservava da sua natural benevolencia e judiciosa conversação. Depois de 9 conservar nove annos em

FOLHETIM

THOMAZ E MARIA.

Existiu em 1856 na Ilha de... uma modesta e rustica habitação, propriedade de um homem que exercia o emprego de jardineiro em casa do governador da mesma ilha.

Este homem tinha 50 annos em seu rosto achava-se gravada a expressão de uma magnanima bondade, possuia maneras sôbrias, e um amor que affavas, um coração generoso, e um anseio inextinguível por sua filha, que então contava 18 annos. Maria era o seu unico amido de consolação e esperança, era em seus braços que o pobre pai achava repouso para o arduo trabalho e fadiga do dia; todas as vezes que o pobre ancião apertava sua filha nos braços, e que lhe impria um esmoço paternal na fronte, seu peito transbordava de satisfação.

Maria era uma moça robusta e ingenua; grandes madeixas de cabellos castanhos adornavam seu lindo collo alabastino, faces rosadas, nariz aquilino à grega, os labios finos e assetinados, o bem torneado de suas mãos, e a esmerada delicadeza de sua cintura a tornavão a rapariga mais formosa da ilha a quem todos os rapazes rendiam culto.

Maria a todos olhava com indifferença ou desdém, a exceção de Thomaz filho de uma illustre família, a quem ella amava. Este moço foi criado com ella: desde pequeninos passaram juntos os primeiros annos da juventude, divertindo-se nos mil inno- centes folguedos da infancia, e quando aos adolescentes annos de outono, sucedeu a primavera da mocidade; Maria reconheceu n'esse amizade surpreendente o amor, que até ali ignorava essa palavra, per-

mito de palpitár de seu peito quando via Thomaz a compreendendo; era um amor puro de virgem, nascido e acalentado em seu seio, que tinha crescido em seu en-

raçao como os primeiros annos da vida

com todo o vigor da mocidade.

Seus pais o compreenderam; e todos que se oposseram contra esse amor, que prephetavão seria fatal.

O de Maria porque reconhecia a distancia do nascimento de sua filha e que odia d'ahi resultar a sua desdúceco e a deshonra de seu nome: o de Thomaz em querer unir seu filho a uma rapariga de

querer.

Thomaz correu a pedir a seu pae, animado pelo amor que este lhe consagrava, o consentimento para desposar Maria, porém seu pae o repeliu com indignação. Ele então foi porto de sua amante suffocado pelo pranto que lhe entracortava a faila e lhe diz: — Maria nossos pais

querem matar-nos fazendo a nossa separação quando nos ainda podemos ser felizes; que nos importa os obstáculos e a celeridade desses pais, se nos abençoa este amor tão grande, pura como as tuas alvas vestes de virgem, fazemos para um lugar ermo... querem para um teatro exaltado, aonde não chegue o báculo dos homens, temos só tentarmos o testemunhos de nosso amor, christianos, e as lindas aguas do campo, o som agreste da haras, a fraude do pastor, aram da empalhados cantores dos prados. Oh! Maria! que seremos completamente felizes!

E meu pae? queres que deixe meu pae, entregue à dor e ao desespero, e que em troca da virtude e da honra, lhe deixa um nome manchado, e coberto de opprobrio? Disse Maria apertando quasi louca pela emocio Thomaz junto de seu peito.

Escuta Maria, eu te juro por umas estrelas que agora circulam no firmamento, que não manchará o nome de teu pae, porque em breve ele será meu, disse Thomaz passando seus braços na delicada cintura de Maria, dos quais ela não buscou fugir.

A lio que ate ali se ostentava como rainha da noite, foi encoberta por um véu de nuvens, para não encarar a scena d'um anjo do Senhor d'uma virgem, cuja cora de alvos botões virginais de laranjeira,

França, donde sempre zelou os interesses de Portugal, passou com o carácter de enviado extraordinario á corte de Madrid, donde desempenhou as obrigações de sua alta missão com grande dignidade e saber. Sendo mandado a exercitar o mesmo cargo na corte de Saboya, ao entrar na cidade de Alicante enfermeu tão gravemente, que conhecendo ser chegado o termo da sua vida, recebeu os socorros da religião que lhe ministrou o bem conhecido varão distinto na república das letras pelas suas obras, o padre D Raphael Bluteau. Faleceu Duarte Ribeiro de Macedo no dia 10 de julho de 1680 tendo 62 annos de idade. Foi cavalleiro da ordem de Christo, conselheiro da fazenda, e do conselho d'el-rei. As suas obras o fizerão ter em conta de poeta não vulgar, e de historiador elegante. O seu estylo é claro, discreto e agradável. Entre as obras que publicou avulta, *O seu Juizo histórico e jurídico sobre a paz celebrada entre as corôas de França e Castella no anno de 1660*. Como genealogico elle faz também honrosa menção o padre

D. Antonio Caetano de Sousa, quando alude à genealogia do conde D. Henrique, que Duarte Ribeiro de Macedo escreverá.

(Da R. P.)

LITERATURA

Gastão e Isabel

(Continuação.)

— É possível! exclamou D. Isabel.

— Sim, senhora; elle vive, e está livre, respondeu Pedrillo; se eu aceitei a missão de D. Gusmao, foi para melhor a poder servir.

E dizendo estas palavras, elle apresentou a D. Isabel uma carta de D. Gastão, que continha os mais sagrados juramentos, e em que lhe assegurava que o odio do pai não fazia senão aumentar o seu amor.

Pedrillo contou-lhe então os meios de que se servira para salvar D. Gastão: tinha-o feito evadir disfarçado, e um manequim enterrado à pressa no fosso

do castello passou pelo cadáver de D. Gastão.

— « Agora, continuou Pedrillo, é preciso que me acompanhe, para ir ter com o seu amante, que a espera em Barcellona; dali partiremos para Nápoles, onde elle tem um irmão, que é valido do vice-rei, e com a sua protecção tudo se comporá. »

D. Isabel passando de uma extrema desesperação a uma extrema alegria, duvidou todavia por algum tempo do que Pedrillo dizia.

— « Tu enganas-me, lhe disse ella: nem poderias tirar-me daqui, porque tudo o impede. »

— Nada, pelo contrario.

— Meu pai deve fazer a tua fortuna.

— Elle assim m'o tem prometido muitas vezes; mas não trata de o fazer; em quanto que D. Gastão cumpriu logo o que me prometeu; além disso eu não quiz ser assassino.

— E esta mulher, a quem estou confiada?

— Senhora, essa mulher não nos pode impedir a fuga. »

D. Isabel correu ao quarto da velha,

ia ser calcada pela sedução, ficando-lhe em troca por véu de noiva, apenas um lenço humedecido de lagrimas.

Um anno depois essa desgraçada jovem achava-se no Rio de Janeiro.

A felicidade não lhe havia sido tão propicia como ella o esperava!... apenas gozou alguns meses de completa felicidade... Thomaz esse mancebo que ella havia louca e cegamente amado, já não existia: havia deixado a terra sem cumprir a sua promessa, deixando nos braços de Maria, uma inocente filha do crime, que esta abandonou deixando-a só e à mercê da desgraça.

Maria! essa filha do infortunio em lugar de procurar um refugio abraçada como Magdalena aos pés da cruz, desse madeiro simbolo da religião!... lançou-se no seio do lupanar, afogando o sofrimento no licor da orgia, enxugando as lagrimas nos lacivos beijos em recompensa da prostituição... tornou-se uma mulher perdida... ainda assim no ruido desses folguedos, uma recordação triste, presidia a alegria, e então o pranto algumas vezes lhe vinha orvalhar as faces.

Fei n'uma dessas horas de tristeza que um moço pôde contemplar esse rosto melanchólico, triste e abatido pelo sofrimento; desde então uma luta immensa de continuo agitou seu peito: o pejo desapareceu-lhe

das faces, para ser supplantado pelo amor, delirante e extremo, puro e santo, como aquelle que brota no peito, pelo sentimento da desgraça e compaixão. Amava Maria; por ella havia deixado os prazeres, as companhias e a sociedade; o desgraçado Henrique que sentia cada vez seu peito mais incendiado por Maria, esta só lhe respondia com um sorriso amargo de gratidão; e com a frieza do seu coração de gelo, como aquelle que só amou uma verdadeira vez na vida.

A saudade da filha, e de estar perto do tumulo daquelle que ella tanto amara, a fez voltar a patria: tomou passagem na Galera Luzitana; o joven a acompanhou como o anjo que esperava levar a seu peito a consolação.

No fim de uma feliz viagem, chegou Maria à terra d'onde pouco tempo antes sahira. O primeiro dia foi para sua filhinha, o segundo para orar na campa daquelle que ella tanto amou... dirigio-se ao cemiterio. Henrique a seguia com o coração comprido de anciadão, e com as lagrimas nos olhos!... Ella ajoelhou na lagem do tumulo... Henrique escutava.

Anjo fugiste, só a mim deixando...
Aqui lutando! em acerba dor!...
Eu vou seguir-te, e no ssia filha bella
Roga por ella no céo ao Senhor.

Faz hoje um anno que a terra fria!
De mina desvia... teu amor querido...
Ja deste mundo eu cumprí meu fado,
Vou a teu lado encontrar abrigo.

Espera um pouco... só mais um auento,
E n'um momento... eu serei contigo;
Deixo a terra com grande prazer
Por vir morrer neste teu jazigo.

Recebe esta alma, que pr'a ti nasceu,
Que breve ao céo se te vai juntar:
Agora... espera... neste beijo ardente...
Minha alma sente... para ti voar.

Approximou os labios ao marmore do tumulo e assim permaneceu por longo espaço.

Henrique levantou-se assustado e correu para ella gritando, Maria!... Maria!... E tendeu os braços para a levantar, estava fria! immovel! com os labios collados na sepultura do amante!... já não vivia.

Henrique fugio desorientado e louco, sumindo-se por entre a escuridão dos negros ciprestes.

Ao outro dia um pobre velho abraçava o cadáver de uma mulher, a quem chamava filha, e o povo da ilha contemplava um cadáver, arrojado pelas bravias ondas do mar a praia, no qual reconheceu ser o do jovem Henrique.

Arnaldo Molariuho.

e viu que dormia profundamente sobre uma poltrona.

— « Pôde chegar-se bem ; disse Pedrillo ; ella não acordará. »

A joven senhora lançou sobre o antigo pagem um olhar de suspeita, que elle comprehendeu.

— Um pouco de opio, lançado n'um copo de vinho de Xerez, foi bastante para a pôr nesse estado, e durante duas horas ella nada saberá do que se passa. Venha senhora D. Isabel, não perca a occasião, que tanto me ha custado a preparar. »

A filha de D. Gusmão não fez nenhuma objecção; seguiu Pedrillo, e ambos descerão por uma escada oculta, chegáron ao jardim, de que uma chave falsa lhes permitiu sahir a ultima porta. Dous cavallos tinhão sido preparados pelo diligente Pedrillo, e ahi os esperavão promptos a partir. Todavia, antes de montar a cavalo, D. Isabel hesitou ainda : confiava-se a um homem, ate então estimado de seu pai, e de quem sabia todos os segredos ; e poderia ella confiar na sua fidelidade ? Demais, uma menina nunca abandona a casa paterna, quaesquer que sejam os maus tratos que ahi tenha soffrido, sem grande custo e repugnancia. Contudo o amor venceu ; D. Isabel julgou, que a tyrannia de seu pai desculpava o seu procedimento, e nesta convicção montou a cavalo e meteu a galope. Seguirão a estrada real até ao amanhecer, então entráron por um bosque, cuja espessura e escuridão favorecia a sua fuga, mas que mais de uma vez enhéro de terror a D. Isabel.

Tendo andado dez ou doze leguas, Pedrillo parou, e escolhendo um lugar que lhe pareceu deserto, declarou que os cavallos tinhão necessidade de descanso, e que elle mesmo queria descansar e comer. Apeárao-se, assentárao-se sobre a relva do bosque, e Pedrillo tirou do seu bornal algumas provisões que levava. ... De repente o criado infiel tomou um ar familiar, e manifestou em suas maneiras e olhar atrevido projectos offensivos do pudor de sua joven senhora.

— « D. Isabel, lhe disse elle, estamos perdidos, e julgo que não poderemos achar outra vez o caminho, senão amanhã pela manha. »

(Continua.)

A perdida.

Mulher ! ainda hontem a virginal corôa de gentis rosas esfeitava teus linhos cabellos, apezar do teu vestido branco que era tão simples e da assetinada fita da mesma cor, com que apertavas com graca a tua flexivel cintura; tinhas mais em antos que hoje, com esse vestido de mescada seda, e com esse collar de linhas pedras que ornão a tua alabastrino seio ! é porque essa corôa era o symbolo da tua virgindade, e esse vestido parecia demonstrar que os teus pensamentos erão tão ingenuos e puros como a sua alvura ! e hoje tudo é ao contrario !

Ah ! desgraçada ! Compras-te toda essa magnificencia a custo da tua honra ! essa viçosa corôa já não existe ; foi desfolhada folha a folha pelo ventulhal da prostituição, e se ainda uma petala exista acha-se no lojugal do vicio, pizala pelos pés dos viandantes. Ah ! desgraçada ! porque assim trocaste a tua inocencia, em que te embalavas em os doces sonhos de ventura, pelo triste condicão em que existes (se não é mais proprio dizer em que vegetas) ah ! comprehendo e porque eras pobre, e assim julgavas-te infeliz, e por isso almejavas, ouro ! ouro ! porque julgavas que nesse ouro encontrarias a felicidade, sem te lembrares desgraçada ! que ao commetteres esse nefando crime fazendo murchar essa tão linda flor, que Deus tinha-te confiado, praticavas dous : porque tua mãe, não podendo suportar a deshonra, desesperada, e louca, corre, voa a procurar um asyllo, onde possa-se esconder aos olhos da sociedade, onde sua filha apresenta-se trillhando a estrada da prostituição : a febre ardendo em suas veias faze-a definhar pouco a pouco, sente finalmente que vai cahir o ultimo grão de areia d'ampulheta da vida, lembra-se que sua filha é a causa da sua morte, e por isso vai amaldiçoá-la, levantase febrilmente do leito em que jaz, alça a voz e exclama Maldi ! ... Não pôde continuar a voz da natureza faz-se ouvir mais alta que a do desespero, e grita-lhe aos ouvidos filha ! ... filha ! ... Não tem animo para continuar e deixa-se abatida cair, pela lucta que sua alma acaba de passar entre a natureza, e o desespero ; depois levanta-se resoluta cae de joelhos perante o Crucificado e exclama : Senhor ! vós soffrestes muito pelos homens, mas no momento de entregares a alma ao vosso Eterno Pai perdoaste aos vossos algozes, dando desta arte o exemplo para que perdoassem tambem, a mesquinha é minha filha. Perdoai-lhe como eu lhe perdoô ! ...

Não pode dizer mais, seu corpo cae inanimado perdoando a sua filha causadora da sua morte ! ... A natureza mais uma vez tinha vencido ! ...

(Continua.)

J. A. Rodrigues Senago

Um episodio da vida de Lord Byron.

(Conclusão).

— Com que accento lugubre me acabas de fallar disse ella, levantando-se tremula de colera.

Tentei sorri-me, mas a ciosa hespnhola, tinha-me comprehendido de sôbra.

E mister que seja franco convosco, amigos, desta vez erão justos os seus represeos.

A mulher do Tambolerero, calculou qual a scena que se seguiria apenas seu esposo soubesse que ella me amava, e considerando ao mesmo tempo o que eu com a minha inconstancia costumava praticar com as mulhores, e ainda desta vez julgando o que por muitas vezes havia feito, entendeu que devia pôr termo a isto de uma maneira violenta o que ora vos contarei.

— O que julgaes, faria ella ? —

— Fugir comigo, provavelmente (disserão os amigos de Byron).

— Não, não advinhas.

Mas, disse o poeta, correando a mão pelo rosto, onde estava descripta uma tempestade, isto é horrivel ! ...

Apontou ao mesmo tempo os copos e disse :

— Desta vez consintereis que eu vos ofereça a minha taça, para que bebaes por ella — *Ytan ou Byron* ! ... disserão os condiscípulos deste bebendo cada um por sua vez.

Aquelle, por ultimo, tomou a taça, e de um jacto lançou o liquido no estomago. Reconhecia-se que este homem extraordinario ia fazer um dos maiores sacrificios, talvez porque houvesse passado em sua vida. Os seus amigos esperavão aniosos e em profundo silencio, o desenlace deste drama.

— Foi n'um sabbado, continuou, vespere do dia em que eu com Casilda tínhamos tido a conversação que vos hei referido, quando serião 8 horas da manha, acordei ouvindo muitas vozes, e ao mesmo tempo acompanhadas de exclamações atterradoras de envolta com o arruido de passos similhantes aos de pessoas que vão e vem. Toquei a campainha primeira e segunda vez, sem que o Jockey que costumava servir-me, acudisse ao meu reclamo. Estava prestes a saltar da cama, quando afinal me apareceu.... Ah ! senhor que grande desgraça ! ...

— Que ha de novo ? perguntei um tanto agitado, á vista do estado em que via o meu criado e tendo ouvido sem interrupção o estrondo que vos fallei.

D. Casilda, assassinou esta noite o seu esposo !

— Que dizes, estás louco ?

Oxalá me disse o Jockey soluçando, que fosse verdade o que nesta occasião me dizeis.

— Eu estava n'uma cruel incerteza, pa-

recia-me isto um sonhe, outras vezes julgava que o meu criado estava fóra, como se costuma dizer, do seu estado normal de ideia. Levanto-me, visto um chambre, saio desse quarto e dirijo-me para o lugar que me indicara.

«Eus! que vejo? era desgraçadamente verdade. O Tamborero jazia no seulo banhado no seu proprio sangue que ainda me carria em fio de uma punhalada que recebera no coração. O estado em que me retirei desta scena de dor, não vol-o posso descrever. Para abreviar a minha narração dir-vos hei que fui ella condenada ao supplicio do garrote, na vespera do dia mandou-me uma rosa em armada. Vetei-me para o Jockey e digo-lhe, «comprei por todo o prego a cadela que hoje tem de ser separada do tronco.»

— Não me atrevia, a fallar no nome daquelle que tanto havia feito, a ponto de sacrificar a sua para salvar a minha vida.

O meu Jockey, cumpriu religiosamente quanto lhe determinei.

— No dia seguinte, ao daquelle em que tinha corrido o pregão na plaza major, em que foi Gasilda decapitada, me apresentou a cabeça della. Fizha-a comprada por um preço exorbitante que se vol-o disser, têi o heis por fabuloso.

Mandei-lhe cerrar o crâneo, puli-o, e colocal-o sobre um pé de prata, desde essa época para cá, é o meu copo predilecto, por onde bebo, e o objecto inseparável que me acompanha por toda a parte tanto de dia como de noite.

George Lara, e Jaime, tinham chegado ao mais alto grau de agitação e excitação horrorizados — Byron, fizeste-nos beber pelo crâneo da vossa amante!!!.

— E verdade, disse o poeta, calhando para traz, no auge da embriaguez e do delírio.

José António Fernandes da Fonseca.

POESIAS

Non quero te amar.

Tao jovem ainda na flor de teus dias
Já sabes tambem ingrato fingir?
Com falsos sorrisos a esse a quem amas,
Ainda tão cedo já tu queres trair?
Out'ora, oh! ingrato a ti só amava
Por ti eu somente sentia paixão,
Mas hoje detesto de todo esse amor
Porque só em ti vejo ingratião.
Amei-te é verdade! mas foi um engano!
Eu não conhecia esse teu coração,
Se quer nem ao menos julgar eu podia
Queinda tão cedo ouvesse traição.
Por isso eu não quero a ti nem mais ver,
Para sempre só quero o desprezo te dar,
Fugir de teus olhos é só meu intento,
Que assim como os — não quero te amar.

T. C. Castello Branco.

S. Christovão.

A pedido de um nosso assignante transcrevemos a seguinte poesia do *Cisne*, ei la:

ANDORINHAS.

O que tens, linda andorinha,
Que te vejo sópiar?
Já te julgas viuinha
Por teu ídolo não chegar?
Espera, lindo bichinho,
Tou marido não morreu;
Eu te dou teu maridinho,
Quem o tem prezado eu.
Abre as azas, passatinho,
Por que me causas já dó;
Vai beijar teu amorzinho,
Que suspira por ti só.
Reparai vós, oh amantes,
E vós, caçadas, também,
Dois bichinhos tão constantes,
Vosso espelho o vede além...

Campos *João Corrêa Peneda.*

PALESTRA

— Foste fiel à tua promessa em não faltares hoje, como disseste.

— E verdade, se bem me recordo, prometi vir te visitar hoje, o que fielmente cumprí.

— O mesmo não fizeste para com a redacção do *Arquivo Litterario*, porquanto não escreveste a «Chronica da Sociedade Philothalia», que teve lugar sábado 31 de Outubro.

— E justa essa arguição, porém tu me desculparas com o digno redactor, dizendo-lhe que não assisti a essa recita, o que já-mais escreverei por falsas informações, porquanto eu sou como S. Thomé, ver para crer, e junto a isto tendo por divisa a imparcialidade, não me animei a escrever por suspeções.

— E como vai a *Associação Dramatica* des S. Pedro, Gymnasio, S. Januario, Santa Catarina, Circo Olympico e tudo isso que tu tanto costumas frequentar?

— Não me falles agora em theatros; para domingo hei de meter em fútil o meu bedetiko, até não me ha de esquecer Alcazar, Eldorado, etc., etc. Por agora vou faltar-te de bailes.

— De bailes! pois tu tornas de novo a frequentar esses bicos?

— Gosto de vez em quando apreciar da maneira que a nossa polícia encara com calma o soco e esses focos de desmoralisação e do vicio, esses lupanares, que tem sido a ruina, desgraça e infortunio de tantos moços inexperientes, que se deixão arrastar e seduzir por um prazer que julgam delicioso e que afinal os leva e conduz pela estrada do opprobrio até os submergir no asqueroso abysmo, onde a desnaturalada mā arrasta sua filha, entregando-a nos braços da prostituição, quando esta sente a mente escaldante pelo fogo da orgia!!!... Iaes como Caçador (mas caçador de nova espe-

cie) a Oriente sem Estrela, onde quasi sempre, no calor e ruído do baile, ha frequentes brigas que seus donos leem o cuidado de abafar, com os sons belicosos da musica para iludirem a nossa polícia.

— E verdade, porém esperamos que o nosso digno chefe de polícia, o Sr. José Gómez de Andrade Pinto, porá cobro a tais casas, que o proprio estrangeiro admira no meio de um paiz culto e civilizado.

— O mesmo não posso dizer de *Santa Theroza* (ainda que vá com este nome profanar tanta santa damosa religião), porque ali reina sempre muita prudencia, boa ordem e cavalheirismo em seus frequentadores, que todos são rapazes decentes e que muito honram a casa que frequentam. Além disto, é um lugar solitário e sublime, onde se pode passar uma parte da noite entregue a um folguedo inocente, o que não se encontra aqui no meio da cidade.

Fui algumas vezes à *Santa Theroza* e não desgostei, e confesso-te que o que mais me captivou, fizeram as maneiras affáveis dedo da casa e da Madame, senhora digna de nossa coadjução, sim de nossa, porque en também tento ir até lá, hoje, contigo.

— Pois bem, seja. Agora sabes que o redactor do *Arquivo Litterario*, suspendeu ou vai suspender mais de 100 assignantes, visto que o jornal está no fim do trimestre e não lhe tem pago, sendo a condição do pagamento das assignaturas pagas adiantadas, porém disse-me que se vinga esquecendo os nomes de todos que *quase* vieram na Palestra.

— Tenho uma novidade para te contar à ultima hora, visto que já te levantas para te ir embora. Aquelle celebre Muchado logrou a barbeiro que tinha prosa de esperitalhão: enquanto ele saiu por obairu e toda a canaria na rua, deixando-lhe só ficar, comorefens, a velha cana, para pagar os ..

— Cata-te, obia o feixe de lenha e a pena de escriptor *publico*!

— Qual eu sei que elle tem uma correspondencia contra redactor do *Arquivo*, e que a não tem publicado por falta de cobres, e podes dizer-lhe se fallares com ele que o mesmo redactor tem tais instintos de alma, que lhe dá publicidade gratis no seu jornal.

— Bem, e eu tenho para lhe dar a publicar um *simeto* do *distinto e sublime poeta*, *Pereira de Abreu*. Adeos Jorge logo de noite por aqui venho.

— Sim, mas para a palestra até domingo.

— Sim até domingo.

Rogamos aos nossos assignantes que hajam de mandar satisfazer suas assignaturas, para não sofrerem interrupção, lembrando-lhe que uma das condições da nossa folha é assignaturas pagas adiantadas.

Expediente da charada do numero antecedente.

Da 1.ª é Pitanga e 2.ª é Senado.

Typ. Popular, rua Nova do Ouvidor n. 9.